
RESUMO EXPANDIDO

A guerra Russo-Ucraniana reportada pelo *The New York Times*: imagens entre a vida e a morte¹

Atílio AVANCINI²

Sofia KASSAB³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a cobertura da guerra Russo-Ucraniana feita pelo jornal *The New York Times*, em 2022, dando atenção ao retrato da dor nessa produção fotojornalística a partir dos conceitos da obra *Diante da dor dos outros* (2003) de Susan Sontag. Há uma análise fotográfica de duas imagens publicadas, segundo a metodologia de Erwin Panofsky, a partir do livro *Significado nas artes visuais* (1971). Diante da banalização do sofrimento das vítimas retratadas, pretende-se refletir sobre a possibilidade de transformação dada a influência do compartilhamento das fotografias de guerra nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE

fotojornalismo; fotodocumentarismo de guerra; representação sócio-cultural; análise fotográfica; alienação.

CORPO DO TEXTO

A relação histórica entre russos e ucranianos remonta ao século IX, passando por momentos de atrito e aproximações ao longo do tempo. No entanto, desde 2014, com a anexação da Criméia pela Rússia, resultado de um processo de apoio do governo russo a forças separatistas na região, iniciou-se um movimento de crescente tensão bélica, política e cultural entre os países irmãos. Esse movimento desencadeou uma invasão militar em larga escala, iniciada pela Rússia sobre a Ucrânia, em fevereiro de 2022, que trouxe as duas nações para o centro do debate político internacional, tornando-se um dos maiores

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor associado da ECA-USP e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP, email: avancini@usp.br

³ Pesquisadora e jornalista formada no Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: sofia.kassab@gmail.com

conflitos da atualidade e sendo tema de diversas produções jornalísticas ao redor do mundo.

Por ser um conflito que afeta a dinâmica social, política, econômica e cultural do mundo, principalmente da Europa, por sua magnitude e pelo contingente de pessoas afetadas, a cobertura e a comoção internacionais foram intensas. A guerra que se estabeleceu entre a Rússia e a Ucrânia, a partir de fevereiro de 2022, se tornou um dos assuntos mais comentados por grandes veículos jornalísticos. Por isso é importante analisar a dimensão não-militar da guerra russo-ucraniana, envolvendo a chamada "guerra de narrativas". Esse termo é utilizado para descrever o viés da comunicação social em conflitos geopolíticos diante do posicionamento assumido por grandes veículos jornalísticos internacionais, sobre o qual este trabalho visa discorrer.

Não existe guerra sem fotografia, observou Ernst Jünger em 1930, traçando dessa maneira a identificação da câmera com a arma: disparar a máquina fotográfica apontada para um tema e disparar a arma apontada para um ser humano. Guerrear e fotografar são atividades congruentes: "É a mesma inteligência, cujas armas de aniquilação são capazes de localizar o inimigo com exatidão de metros e de segundos", escreveu Ernst Jünger, em 1930, que se empenha a fim de preservar o importante acontecimento histórico em detalhes nítidos (SONTAG, 2003, p. 58).

É clara a posição pró-Ucrânia assumida pelos principais conglomerados de comunicação ocidentais em uma análise geopolítica do conflito para a publicação do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI-Revista). “Ressalte-se ainda, na dita guerra de narrativas, a extraordinária mobilização dos grandes conglomerados de comunicação norte-americanos e europeus, de forma quase uníssona, em torno da narrativa ucraniana da guerra” (CARMONA, 2022, p. 97).

O presente artigo, apresentado no GP Fotografia na ementa “Fotojornalismo e fotodocumentarismo: história e representação social”, tem como objetivo estudar, via cobertura da Guerra Russo-Ucraniana feita pelo *The New York Times*, em 2022, o retrato entre a vida e a morte nessa produção fotojornalística a partir dos conceitos da obra *Diante da Dor dos Outros*, 2003 (*Regarding the pain of others*, 2003) da norte-americana Susan Sontag.

Explorando as relações entre a estética e a ética, o estudo pretende investigar como o horror apresentado lida com o “espetáculo dos tempos midiáticos” (DEBORD, 2023). Pretende-se também refletir sobre a banalização do sofrimento das vítimas retratadas e a influência do compartilhamento dessas imagens nas redes sociais. A consequência da sociedade do espetáculo favorece os indivíduos se posicionarem de forma passiva frente a imagens de dor e sofrimento. Diante das redes sociais proprietárias, o usuário está desbancado de seu lugar atuante, acentuando “a unidade da vida não mais restabelecida” (DEBORD, 1967).

De acordo com Guy Debord, autor do livro *A Sociedade do Espetáculo* (1967), esse tipo de consumo é característico do capitalismo em sua forma mais avançada, onde as relações sociais são mediadas pela imagem e pelo consumo. Nesta chamada “sociedade do espetáculo” os indivíduos são obrigados a observar e consumir passivamente imagens de tudo que os cerca, desumanizando tanto os espectadores, quanto os retratados.

O "espetáculo" de que fala Debord vai muito além da onipresença dos meios de comunicação de massa, que representam somente o seu aspecto mais visível e mais superficial. Em 221 brilhantes teses de concisão aforística e com múltiplas alusões ocultas a autores conhecidos, Debord explica que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real (JAPPE, 1997).

O *corpus* da análise será desenvolvido em torno de duas fotografias selecionadas e publicadas no *The New York Times*, em 2022, a partir do referencial teórico de Erwin Panofsky publicado no livro *Significado nas artes visuais*, 1976 (*L'Oeuvre d'art et ses significations*, 1955). O alemão Panofsky formula sua metodologia integrando a iconografia e a iconologia em três etapas: a descrição (primária), a análise cultural (secundária) e a análise dos significados (terciária).

Considerando o destaque dado por Sontag para a necessidade de contextualização e aplicação de legendas nas imagens, esta pesquisa busca analisar três das fotografias produzidas durante o ano de 2022 na Guerra Russo-Ucraniana, selecionadas a partir de um conjunto extenso de imagens produzidas pelos fotojornalistas e fotógrafos associados do *The New York Times*, veículo de relevância internacional no campo do fotojornalismo de guerra. Entre centenas de imagens analisadas, fez-se uma seleção final de 16. Apenas 2 entre as 16 serão analisadas individualmente, de acordo com um critério objetivo e

subjetivo de relevância, notoriedade e repercussão. Desse modo, via narrativa verbal da imagem, justifica-se o *corpus* de 2 fotografias analisadas para aprofundar seus significados e informações, favorecendo a visão crítica.

No fotojornalismo, o espectador pode fazer inúmeras interpretações aos fatos documentados. As duas imagens selecionadas tendem pelo impacto. E a condição espetacular aponta os mecanismos ideológicos ao lado da causa ucraniana e contrário à causa russa. A dimensão ética dessas duas imagens não é ferida na exposição de civis sem vida e de cidadãos expostos ao constrangimento pessoal e sociocultural?

A premissa para a escolha desta guerra como objeto de estudo é a contemporaneidade do conflito, sendo uma guerra cujas vítimas são brancas, cristãs e europeias. Não pretende-se julgar ou avaliar a validade das motivações políticas e dos interesses dos governos russo e ucraniano na guerra. Outra premissa é expor os crimes humanitários cometidos contra civis em uma região invadida por tropas russas.

A escolha do veículo *The New York Times* utilizado para a análise fotográfica é devido à sua tradição da cobertura fotojornalística de conflitos e pela extensa produção feita nesta guerra. Trazemos o posicionamento do *The New York Times* de como é feita a cobertura de guerras. “Quando se trata dos civis, nós fazemos de tudo para protegê-los de retaliações caso eles se sintam em perigo. Quando se trata do exército, não é nosso dever publicar seus pontos de discussão” (SLACKMAN, 2023, nossa tradução).

Pretende-se refletir sobre a banalização do sofrimento das vítimas retratadas e as influências do compartilhamento de tais fotografias de guerra nas redes sociais. O fotojornalismo tem a função de alavancar processos individuais de pensamento crítico e questionamentos acerca da realidade da guerra. Esses processos, dadas as condições sócio-culturais do leitor, podem ser expandidos sob a influência das redes sociais. O que se faz com as informações trazida pelos veículos de imprensa, que dedicam tantos recursos à cobertura fotodocumental das guerras?

Na era das redes de imagens, a fotografia digital midiática trabalha valorizando o impacto da visibilidade, envolvendo a “guerra de narrativas”. Como a característica das redes é o excesso e a abundância, há uma tendência pela alienação e distanciamento do mundo, o realismo fotográfico esconde mecanismos ideológicos. A fotografia impactante – em

detrimento da objetividade escrita –, minimiza a função de gatilho para processos individuais de pensamento reflexivo e crítico. Nas relações entre a estética e a ética, constata-se a banalização do sofrimento das vítimas retratadas pelo compartilhamento nas redes sociais. Mas para preservar a democracia e a sociedade não se pode afrontar o dever da imprensa de informar. A questão é como preservar a dignidade humana, pois cenas de terror na Europa não víamos desde a II Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

ALMOND, K; Roegiers, B. The photos that have defined the war in Ukraine. **Cable News Network** - CNN, 13 mai. 2022. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/interactive/2022/05/world/ukraine-war-photographers-cnnphotos/>>. Acesso em dez. 2022

AVANCINI, A. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, pp. 50–68, 2011. <https://doi.org/10.25200/BJR.v7n1.2011.285>

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CAPA, R. **Fotografias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000

CARMONA, R. A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. **CEBRI-Revista**, ano 1, número 3 (jul.-set.), pp. 88-111, 2022.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em jun. 2023.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

FREUND, G. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1989.

JAPPE, A. O complô das imagens: a arte de desmascarar. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 17 ago. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170805.htm>>. Acesso em jun. 2023.

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SLACKMAN, M. How the times reports on war. **The New York Times**. New York, 13 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/01/31/reader-center/how-the-times-reports-on-war.html>> Acesso em mar. 2023

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.